

só parte da história tem sido contada e o afro-americano pertence a uma das narrativas dela omitidas.<sup>(8)</sup> ■

Maria Isabel Caldeira

O trovão que traz o abismo: *Alguns Livros Reunidos*, de Joaquim Manuel Magalhães», Lisboa, Contexto, 1987.

«a liberdade é o escuro,  
o centro do fogo,  
o trovão que traz o abismo» (159)

Talvez um prefácio... Saberíamos então os porquês das ausências, das escolhas, das re-escritas nesta nova colectânea depurada de Joaquim Manuel Magalhães. Em vez, dá-nos o poeta «silêncio/entre a luz» (14). E avançamos por este lugar, pelos caminhos deste texto, entre os enigmas e os vestígios de uma exposição sem prefácio: *Alguns Livros Reunidos*, Joaquim Manuel Magalhães — poeta tentando «a ficção de várias regras menores» (13), deixando «oráculos pelos caminhos da manhã» (225). E isto apesar de o silêncio ser nesta poesia cada vez mais uma tentativa. Se não, comparemos os poemas — sobretudo os das primeiras obras — na sua versão anterior e nesta que a antologia nos oferece. Reduzem-se versos, estrofes, poemas. Passos há que desaparecem na sua totalidade. Outros que são agora interrompidos por novos espaços entre estrofes. Antes, lia-se:

*Dedos dágua sobem desta costa  
aos sons imprecisos donde o corpo surge.  
Os ruidos da vegetação da areia  
dão ao pensamento uma lógica tênue  
onde se ganha e perde o domínio do real.  
A repetida fadiga ousa essa alegria,  
e a extrema solidão onde a garganta ri  
segura o segredo desse corpo.  
Silhuetas sentidas por detrás dos ramos  
cada rocha que vejo será vista por mim?  
A destruição donde olho para os outros*

(8) É deliberado, neste ponto, o paralelo com enunciações de Nancy Armstrong num importante contributo neste mesmo número. Fica a sugestão do confronto da alternativa feminista para a discussão do pós-modernismo com a possível alternativa trazida por uma minoria étnica como os afro-americanos.

é a nossa vida, ausências em que estamos com a morte vindo devagar interromper-nos para não perguntarmos onde<sup>(1)</sup>

Agora ausentam-se os verbos, substituídos pela estase que subverte a enumeração whitmaniana:

*Os dedos da água,  
erva das areias,  
fadiga que ganha  
ramos de fadiga.  
Por detrás do corpo  
há essa alegria.  
Silhuetas, rochas  
são a nossa vida.  
Com a morte vindo  
devagar pergunta  
onde destruímos. (64)*

Cada vez mais o poeta é ausência. E parece ser a consciência dessa ausência do mundo, dessa ausência/presença que é a linguagem, que o poeta escolhe ou, talvez deva dizer, aceita como lugar. A sua escrita é a consequência desse lugar, «diante do espelho um outro espelho» (40), nostalgia de objectos e momentos de um passado, corpo ausente, irrecuperável, que vem dos mortos como (n)a linguagem:

*em ti algo apodrece e se gasta  
mesmo longe de morrer que estejas (20)*

A par da tentativa de ultrapassar o limite pela repetição da aspereza material de uma linguagem que afirma o corpo, o mundo real e concreto feito da pedra e da água, encontramos este sentido de decadência muitas vezes expresso na própria putrefacção: seja um mundo de mitos que já não nos servem e que urge substituir (como nos poemas que abrem e encerram a antologia), seja nos sacos de lixo da noite da cidade, seja na exuberância telúrica, primaveril, ressurreição da morte da Natureza (que encontramos em *Pelos Caminhos da Manhã*). Trata-se assim de uma decadência, de um apodrecimento que traz consigo a possibilidade da renovação:

*O suporte dos mitos salva do real  
O real aniquilado pelos mitos. (154)*

Neste paradoxo se move a poesia, campo agónico em que mitos\* se destroem e, mudados, renascem na procura de um

(1) Joaquim Manuel Magalhães, *Dos Enigmas*, Lisboa, Moraes Editores, 1976, pág. 35.

outro, que é «eu», de um real, Éden perdido, mesmo quando e porque o poeta sente essa «íntima segurança do degredo» (59). A re-escrita destes poemas nasce, a meu ver, dessa segurança. Perde-se a fluidez, perde-se a violência retórica, e ganha-se um maior distanciamento, uma violência mais feita de silêncios, mais elegantemente dolorosa.

*Tudo está quebrado mas sabê-lo  
leva o coração como o sol a pôr-se,*

196 dizia-nos já o poeta na primeira versão de *Pelos Caminhos da Manhã* (2).

Constroem-se, na poesia de Joaquim Manuel Magalhães, pequenos momentos da memória, de uma infância de gradual aprendizagem do mundo, o mundo romântico da água e da terra, do mar, das folhas, das aves, do corpo e da aventura. Momentos que se intercalam com outros de experiência mais penosa, da paixão e da ausência, da solidão e da recordação de um corpo, de um momento plano. Aí se trava o combate da razão e do mundo. A medida que avançamos para as últimas publicações, donde alguns poemas são recolhidos para esta antologia sem qualquer alteração, a linguagem torna-se quase desconexa, interrompe-se, cai a meio de uma frase:

*Se um dia a oliveira selvagem  
souber tão bem a ti como sabe à cabra  
cala-te, vai com as crianças jogar o pião.  
Leva os teus jogos para tão longe  
que não os siga a história.  
O combate da razão e do mundo  
reanima o coração ameaçado.  
Pareces livre na vaia dos relâmpagos.  
(165) (3)*

Momentos que se constroem pictoricamente na tentativa de lidar com a matéria linguagem de uma forma mais plástica, escolhendo como ponto de partida um quadro, numa duplicidade de exposição. Quadros que são, também eles, momentos que se deixam descrever, que permanecem estáticos, apresentando diferentes texturas, embutidos na memória — linguagem/tela. Assim nos surgem imagisticamente, para utilizar o termo poundiano, na totémica justaposição de nomes objectos:

(2) Id., *Pelos Caminhos da Manhã*, Lisboa, Arcádia, 1977, pág. 48.

(3) Cf., *António Palolo*, Lisboa, Regra do Jogo, 1978, págs. 19-21.

construindo o poema-mito, articulando-o com outros antecedentes mitológicos, mortos pela linguagem que os substitui, mas vivos apenas porque essa mesma linguagem os transporta ao futuro que aqui é presente. Consciência da morte, limite, a poesia é assim a única possibilidade de libertação («a liberdade é o escuro, o centro do fogo, o trovão que traz o abismo»). Por isso, parece afirmar o poeta, a poesia ultrapassa o real, como o poema que, de *Exposição*, (4) passou intacto para *Alguns Livros Reunidos*:

*Na rocha que foi do vento e dos mares de  
janeiro,  
nos lugares do mundo onde nascem ramos,  
aves e a sangrenta marca dos rubis,  
nos restos da cidade que me viu passar  
paremos ambos, se quiseres.*

*Mas  
chamas a isto beleza? A  
estas cores enodoadas de inverno  
e da inércia que conserva as leis? (218)*

Interroga os oráculos nos caminhos da manhã, porque só — e sobretudo — de oráculos se trata: a poesia, fé interrogada, o trovão que traz o abismo. ■

Graça Capinha

---

De Parseval, G. D. (Org.), *Les sexes de l'homme*, Paris, Editions du Seuil, 1985, 286 págs.

---

Publicada sob a direcção da psicanalista parisiense Geneviève Delaisi de Parseval, *Les sexes de l'homme*, como o próprio título indica, constitui uma obra plural. Contudo, a pluralidade dos capítulos (divididos por seis partes: *introdução, história, testemunhos, fisiologia, psicanálise e sexologia*) não corresponde a diversidade das perspectivas, sendo a heterogeneidade dos autores apenas aparente. Assim, dos nove primeiro capítulos, cinco são assinados por psicanalistas, cabendo a autoria dos restantes a um médico, um historiador, um filósofo e um músico. A obra termina com uma «mesa-redonda» dedicada à sexologia, na qual participam três psicanalistas, um sexólogo, um médico e dois «observadores» sem qualquer especificação do «título profissional.

(4) Id., *Uma Exposição*, Lisboa, Regra do Jogo, 1980, pág. 83.